



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO MARX

A. De Lannes

"A regra da igualdade não consiste senão em aquilhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigalam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvios da inveja, do orgulho ou da loucura.

Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real."

Da Oração aos Moços — RUI BARBOSA

1. MARX, os MARX e os WESTPHALLEN

KARL HEINRICH MARX nasceu a 5 de maio de 1818 em TRIER, cidade alemã da RENÂNIA. Descendia de judeus e entre seus antepassados contaram-se vários rabinos. Seu pai HIRSCHTEL foi advogado e conselheiro de justiça na sua cidade natal. Em 1824, seis anos após o nascimento de KARL, HIRSCHTEL converteu-se ao cristianismo batizando-se com o nome de HEINRICH MARX e educando seus filhos nesta religião.

MARX viveu uma infância normal, bem cuidada e livre de preocupações. Fez seus estudos iniciais no LICEU de TRIER onde bachareizou-se em 1835.

Nessa primeira fase de sua vida, pouco ou nada transparecia sobre os futuros passos de MARX, nem se poderia imaginar as repercussões terríveis para o mundo de hoje, da sua futura ação revolucionário-materialista. Anotam-se, apenas, algumas referências de sua mãe sobre pressentimentos de que o filho, "com todos

os talentos que DEUS lhe havia dado, não singrava na vida por um caminho direito" e, certos temores manifestados por seu pai, de que o demônio teria tomado conta de seu filho favorito.

Aos dezoito anos, começou a namorar JENNY, uma amiga de sua irmã SOFIA, depois de haver passado um ano em BONN, para onde fora matricular-se na Universidade, mas, que afinal, havia sido um período de "divertimentos". JENNY era filha de LUIS von WESTPHALLEN, "conselheiro áulico" do governo. O avô de JENNY havia sido generalíssimo do duque prussiano FERNANDO BRAUNSCHWEIG e casara-se numa família de barões escoceses. O "aristocrata" LUIS von WESTPHALLEN era considerado por seu futuro genro KARL, como um "caro amigo paternal".

Todo este quadro nos mostra um MARX como membro de uma família de classe média, procurando ligar-se a outra família não menos "burguesa" e criado com os cuidados normais de pessoas crentes.

Com o correr dos tempos, MARX iria repudiar sua origem e comprovar as preocupações maternas sobre os caminhos que haveria de trilhar, bem como o "secreto temor" de seu pai, de que "o demônio teria tomado conta de seu filho favorito".

MARX foi um eterno descontrolado quanto à economia própria, se bem que pretendesse organizar a economia mundial. Em BERLIM, recebia do pai 700 táleres por ano para pequenos gastos e, constantemente, lhe faltava dinheiro. Naquela época, somente 5% da população tinha uma renda superior a 300 táleres anuais!

Seu tio FELIPE (holândes) socorreu-o várias vezes e MARX demonstrava por ele uma "grande simpatia", chamando-o interesseiramente de "magnífico solteiro".

Gastador como jovem, desorganizado a vida toda, MARX teve vários problemas com dívidas e penhores de objetos pessoais, incluindo os da sua esposa.

Antes que LASSALE deixasse LONDRES, MARX tomou-lhe dinheiro emprestado e permitiu que esta dívida não paga prejudicasse todas as suas relações subsequentes com ele.

MARX e JENNY receberam várias heranças de parentes, o que não o impediu de colocar como um dos pontos principais do programa comunista, a abolição de tal direito.

Escrevendo a ENGELS, em duas ocasiões, referiu-se nestes termos aos falecimentos de sua mãe e de um tio de sua esposa: "Duas horas atrás chegou um telegrama dizendo que minha mãe está morta. O destino precisava levar um membro da família. Eu estava com um pé no túmulo. Neste caso sou mais necessário do que a velha senhora. Tenho que ir a TRIER por causa da herança". Quanto ao tio: "Um acontecimento muito feliz. Ontem soubemos da morte do tio de minha esposa, de 90 anos de idade". Rejubilava-se porque receberia mais de 100 libras, "se o velho cão não deixasse parte do dinheiro à fiel empregada".

Estima-se que ENGELS, um dos seus raros amigos, forneceu-lhe ao longo dos anos, cerca de 6 milhões de francos!

Parece que só dedicou certa afeição à esposa e aos filhos, desde que não perturbassem seus trabalhos. Sua mente dominadora, seu gênio difícil, sua tendência declarada ao autoritarismo, sua aversão à discordância aos seus argumentos e seu narcisismo acentuado acabaram por torná-lo um homem só e marcar com tragédias aquela família, cujo início fora de juras e promessas de amor trocadas em TRIER entre MARX e JENNY, enquanto ele era o MARX, filho de HEINRICH e HENRIQUETA. Três dos seus filhos morreram crianças. Suas filhas LAURA e ELEANOR suicidaram-se depois de casadas.

2. MARX e DEUS

Antes de se tornar materialista e inimigo radical da religião, MARX foi um cristão entusiasmado. Antes de tomar o ódio e a violência como lemas, MARX cultivou o amor. Em "A união dos fléis com CRISTO" havia escrito: "Através do amor de CRISTO voltamos nossos corações ao mesmo tempo para nossos irmãos que intimamente são ligados a nós e pelos quais ele deu-se a si mesmo em sacrifício".

De um trabalho escolar, "Considerações de um jovem na escolha de sua carreira", realizado ainda no LICEU de TRIER, seus biógrafos-seguidores destacam comumente o trecho onde MARX diz: "Nem sempre podemos abraçar a carreira a que nos chama a nossa vocação; a situação que ocupamos dentro da sociedade principia, de certo modo, antes de a podermos determinar". Eles querem fazer crer que MARX, menino prodígio, antes dos dezessete anos já "acendia a primeira fálscia" da idéia que iria desenvolver futuramente, consubstanciada na dependência do indivíduo ante uma sociedade — na visão comunista — injusta, desigual e polarizada entre opressores e oprimidos.

Partindo do pressuposto que MARX tenha realmente assim escrito, é evidente que, àquela altura da sua vida, exprimia uma idéia natural. Entre outros motivos, sempre houve quem não pudesse estudar porque encargos de família, precocemente assumidos, não permitiram. Também houve aqueles que se viram impedidos de seguir determinadas profissões pela inexistência de escolas nas cidades ou nas regiões em que moravam. Ou ainda, os que falharam em inúmeras atividades por lhes faltarem capacidade, engenho e arte. Não há como argumentar aí, com um início de pensamento filosófico que MARX viria a desenvolver mais tarde. No mesmo trabalho escolar, por sinal, há outro trecho, não muito divulgado, onde ele se volta para o CRIADOR: "Se escolhemos a posição na qual podemos realizar o máximo por Ele, então não podemos nunca ser esmagados pelas responsabilidades, porque elas são apenas sacrifícios feitos em favor de todos". Ao final do seu curso no LICEU de TRIER recebeu o seguinte conceito em religião: "Seu conhecimento da fé e da moral cristãs é bastante claro e bem fundamentado".

Por outro lado, se o problema realmente existia, nos termos em que os comunistas mais tarde entenderam, a solução não veio com o regime marxista-leninista. A disputa foi neutralizada e substituída pelo irrecorrível poder de decisão do Partido Comunista, no interesse do Estado que eles iriam abolir, e que acabou engolindo a Nação e agravando as desigualdades.

O início cristão de MARX apagou-se alguns anos depois. Não há dúvida que o desamparo familiar em que ficou em BERLIM foi o ponto de partida para a sua anticonversão. MARX era um jovem provinciano, criado sob a tutela de uma mãe dedicada e um pai severo. Solto em BERLIM foi morar em pensões e quartos alugados. Atraído pelos prazeres de uma cidade grande e envolvido por um grupo de intelectuais e estudantes que contestavam a filosofia e o regime dela resultante, somados aos seus pendores para a atividade intelectual especulativa, não tardou em se tornar presa fácil e, em pouco tempo, um dos mais destacados membros desses grupos. Adotaram inicialmente a filosofia hegeliana, discordaram dela posteriormente e ficaram conhecidos, durante algum tempo, como neo-hegelianos.

Este risco do desamparo ocorre ainda hoje, particularmente no BRASIL face ao acentuado índice de urbanização. Quantos jovens vindos do interior são lançados nas grandes cidades para estudar e, desassistidos pelos pais que por lá ficaram, caem nas malhas da subversão, aliciados por espertos e treinados membros dessa organização mundial cujos alicerces o próprio MARX — depois de aprisionado — ajudou a desenvolver.

Em BERLIM, depois de estudar a filosofia hegeliana, em pouco tempo, considerou-a insuficiente. Queria ir mais longe! Apegou-se ao materialismo da FEUERBACH e foi afastando suas idéias do MARX de TRIER. O seu contato com MOSES HESS acabou por completar a primeira fase da sua transformação. De cristão passou à descrente e, daí, a um profundo sentimento antideísta. Do amor mudou-se para o ódio, da candura à violência. "Desejo vingar-me d'Aquele que governa lá em cima", escreveu em um poema. Ainda admitia a existência de DEUS porém queria enfrentá-lo. Numa fase dramática de sua anticonversão dizia no poema "O Violinista": "Os vapores infernais elevam-se e enchem o cérebro até que eu enlouqueça e meu coração seja totalmente mudado". Sua alucinação atingiria o clímax quando em "Outanem", ameaçaria: "E breve bradarei gigantescas maldições sobre a humanidade!"

Aos vinte anos, antes de saber o que pretendia, MARX já havia decidido destruir tudo o que conhecia. Até ele mesmo. Poucos anos nos meios hegelianos de BERLIM foram suficientes para liberar toda a força do mal que se apoderara daquele ex-provinciano. "Minha alma, outrora fiel a DEUS, está destinada ao inferno", dizia ainda em um poema dedicado ao mestre HEGEL. Apesar de todo o seu radicalismo materialista, DEUS — cuja existência independe da opinião dos homens — continuaria sendo um espectro que, vez por outra, extrairia de MARX uma expressão, um desabafo, ou um lamento.

3. MARX, os JUDEUS e os CRISTÃOS

FRANZ MEHRING, um dos mais citados biógrafos de MARX, admite que o pai de KARL, convertendo-se ao cristianismo, emancipou-se de todas as ligações judaicas. Esta "liberdade" seria transmitida ao seu filho como um "legado precioso". Deste modo, pretende caracterizar que a conversão de HEINRICH fora positiva sob o ponto de vista da sua personalidade, o que transparece um espírito anti-semita do autor, bem como, explica a ênfase que dá aos ataques de MARX aos judeus.

Ao abordar o problema dos judeus e dos cristãos, MARX advertia sobre a necessidade da emancipação total dos homens face às religiões. Criticava a "liberdade burguesa" de crer, afirmando que essa liberdade apenas obrigava o homem a crer. "Emancipar praticamente o judeu, o cristão, o homem religioso em geral, equivale a emancipar o Estado do judaísmo, do cristianismo e da religião em geral."

Expôs a idéia que fazia do judeu, de modo bem claro em um famoso artigo, publicado na revista "Anais franco-alemães", conhecido como "A Questão Judaica", do qual é interessante transcrever um pequeno trecho para exata compreensão da sua idéia:

"Qual é, pergunta-se, a razão secular do judaísmo? É a necessidade prática, o proveito próprio. Qual é o culto secular do judeu? O lucro. Qual o seu deus terreno? O dinheiro. Ora bem, a emancipação do dinheiro e do lucro, quer dizer, do judaísmo prático e real, seria a própria emancipação da nossa época. Uma organização social que suprimisse as condições que permitem o lucro, isto é, a possibilidade do lucro propriamente dito, tornaria o judeu um ser impossível. A sua consciência religiosa evaporar-se-ia como uma nuvem na atmosfera real da sociedade."

Ao criticar severamente o Programa do Trabalhador de LASSALE misturou sua aversão ao judeu com um outro traço de sua personalidade, normalmente escondido pelos seus biógrafos-seguidores: o racismo. Nessa oportunidade diria: "Essa combinação de judaísmo e ALEMANHA com um traço fundamentalmente negro..." E, ainda: "Também a empáfia desse indivíduo é um traço do caráter de negro..."

E, ainda, há judeus comunistas!

Inimigo radical de todas as religiões e de "todos os deuses", MARX afirmou que o homem não fora feito à imagem do CRIADOR mas, que ao contrário, este era fruto da imaginação dos homens. A religião cristã era considerada como uma das mais imorais. MARX blasfemo havia proposto "a expulsão de DEUS do céu". Ao reconhecer a doutrina materialista de FEUERBACH, exultou ante o fato deste filósofo haver colocado o "homem no lugar que ocupava o antigo impostor". É óbvio que o "impostor" era, para MARX, o CRIADOR!

Para firmar as bases do movimento revolucionário que imaginavam, os comunistas necessitavam destruir primeiro a crença em DEUS, e o cristianismo,

como uma das suas maiores expressões, era um alvo dos mais importantes. Assim MARX retratava o cristianismo:

"Os princípios sociais do cristianismo justificaram a escravidão na Antiguidade, glorificaram a servidão da gleba na Idade Média e dispõem-se, se necessário, embora torcendo um pouco lamentosamente o nariz, a defender a moderna opressão do proletariado. Os princípios sociais do cristianismo contentaram-se em formular o piedoso desejo de que essa necessidade seja a mais benévola possível.

Os princípios sociais do cristianismo pregam a covardia, o desprezo por si mesmo, a humildade e todas as virtudes do canalha. Os princípios sociais do cristianismo fazem o homem medroso e trapaceiro, enquanto o proletariado é revolucionário."

E, ainda, há cristãos que admitem a Igreja antropológica!

4. MARX e os INTELECTUAIS

Ao sair de TRIER para BERLIM, em 1837, MARX tinha o pensamento unicamente tomado pela paixão juvenil à sua futura esposa. Na grande cidade envolveu-se com a filosofia e o materialismo, entrou para o grupo dos neo-hegelianos e, em pouco tempo, já liderava o "clube" dos mais radicais contestadores da época em que viviam. Abandonou seus pensamentos da juventude, descobriu o materialismo e assumiu a missão de "transformar a sociedade". Tal caminho custou-lhe pesadas privações materiais, expulsões repetidas, prisões e fugas. Misturando o ódio com liberdade e usando a violência como elemento de composição, acabou produzindo um veneno de onde a liberdade foi expulsa como espúria, e o liberal se tornou o mestre universal do radicalismo. Rato de bibliotecas e museus, leu e escreveu a maior parte do tempo disponível da sua vida. Fixou-se na tarefa de destruir a religião: "Odeio todos os deuses!". Imaginou uma revolução destruidora da civilização cristã. A dialética enxertada pelo materialismo, forneceu-lhe uma cortina teórica para aliciar seguidores, uns a pensar no poder, outros sem poder pensar. O proletariado — por exclusão e disponibilidade — seria o instrumento dessa revolução.

Considerado erroneamente um exímio polemista, MARX era verdadeiramente um homem do monólogo. Ciente — quem sabe? — dos pés de barro da cosmovisão que ajudou a engendrar, não admitia, nem mesmo entre os seus companheiros, o menor reparo às suas idéias. Essa falta de confiança, evidente nas suas atitudes agressivas, orientou-o sempre mais para a agressão aos homens do que para a contestação às críticas ao marxismo nascente.

A palavra do "sumo-sacerdote" era preservada a qualquer preço e os outros "intelectuais", a exceção talvez de ENGELS, foram colocados como simples eunucos pensadores. Essa guerra dogmática gerou reações contínuas dos que adotaram o marxismo e tentaram crescer ou modificar algo do "testamento do velho". Renegados, revisionistas, reformistas, divisionistas, sectários, camarilha e outros, são os rótulos destinados aos que se meteram nessa encrenca. Muita gente ainda

considera uma doutrina ou filosofia o que não passou nunca de um bem elaborado plano revolucionário com objetivo muito claro: o PODER!

Seus ataques generalizados atingiram a quase todas as nações. Seus conterrâneos alemães foram chamados de "estúpidos", chineses e judeus comparados pejorativamente a "mascates e pequenos mercadores", os húngaros eram "obscuros e semibárbaros" e os eslavos "um povinho sem importância histórica, raquítico e impotente".

Os líderes das diversas tendências dos movimentos político-sociais da EUROPA de seu tempo não escaparam aos seus ataques. LIEBKNECHT era "o boi", FEILIGRATH "o porco", LASSALE "o negro judeu", BAKUNIN "zero teórico", BRUNO BAUER e MEYER "fanfarrões berlinenses", PROUDHON era "burro" e os seus seguidores "ignorantes, fúteis, falastrões, pretensiosos e meros sacos de vento". Seu ex-mestre FEUERBACH, por não ter concordado em escrever um artigo contra SCHELLING a pedido do próprio MARX, foi lançado no "isolamento". RUGE foi colocado no "Index" porque não se dispôs a usar seu dinheiro para garantir a publicação dos "Anais franco-alemães", uma das muitas empresas fracassadas de MARX. MOSES HESS, o socialista responsável pelo "aliciamento" de MARX, foi duramente atacado no Manifesto Comunista de 1848 e afastou-se de MARX definitivamente.

Apesar das garantias de MARX de que a sociedade se desenvolvia através de leis científicas, que conhecidas permitiriam ao homem delas tirar proveito, a vida lhe foi pregando algumas peças históricas e domésticas. As guerras que previu e insuflou não ocorreram. As revoluções que imaginou não aconteceram. O comunismo instalou-se no mundo mercê do bolchevismo e não do materialismo histórico. Suas filhas casaram-se — com o seu consentimento, é bom que se afirme — com um proudhnista e com um bakunista, o que motivou da parte de MARX um desabafo: "Dois anarquistas, o diabo os carregue!".

No ocaso da vida, à vista das revisões a cada dez anos que muitas das suas teses vinham sofrendo pela ação dos homens e da história, atingido no âmago da sua preservada vaidade, teria exclamado: "Graças a Deus eu sou MARX, mas não sou marxista!".

5. MARX, o MATERIALISMO e o ANTIMARX

Até o final dos seus estudos em TRIER, MARX aceitava a concepção deísta da origem do mundo e admitia a ocorrência de um princípio criador antecedente.

Depois do seu contato com FEUERBACH passou a crer que todos os fenômenos da história seriam o resultado exclusivo da ação dos próprios homens. "A matéria criou a idéia, o ser determina a sua consciência!". Dentro deste ponto de vista, o homem passa a ser o princípio fundamental de toda a filosofia materialista.

A lei suprema para o mundo do homem não é a lei de DEUS, mas o interesse próprio desse homem. Ao princípio teológico opunha o princípio antropológico.

Como têm surgido atualmente em alguns círculos religiosos posições obscuras que pretendem colocar o homem como centro principal das preocupações da vida, é oportuno comentar e alertar até onde essas distorções podem servir para incutir subliminarmente, nas mentes despreparadas ou distraídas, a concepção antropológica, base do materialismo antigo e moderno, este a serviço da revolução comunista.

MARX garantia que o poder estatal era utilizado para manter um sistema próprio de exploração do homem pelo homem. Declarou que desejava mudar tal sistema e nada se poderia esperar da aristocracia e muito pouco das classes médias. Desse modo, resolveu apelar para o proletariado. Chegou a ele por exclusão e não por dedução científica como pretendeu demonstrar. Queria alterar o poder porque estava fora dele. Como a aristocracia e a classe média não servissem, iria apelar para o proletariado. Não foi este, portanto, que despertou a sua piedosa atenção, mas os príncipes que lhe causaram irritada aversão!

Por mais de meio século, MARX viveu intensamente seu mundo puramente material. Fracassou na base da concepção porque não está ao alcance do homem, o mistério de DEUS. Não basta crer na matéria como fonte de vida para que ela o seja. A existência de DEUS no mundo e da alma humana não são objeto de opção individual ou coletiva.

Apesar de toda a ação revolucionária, não se garante que MARX ao morrer tivesse certeza de tudo que pregou e afirmou.

Quando seu filho EDGAR faleceu, ele escreveu a ENGELS profundamente abalado: "É impossível descrever o quanto sentimos sua falta permanentemente. Sofri todas as infelicidades, mas só agora sei o que é o verdadeiro sofrimento".

Qual seria o verdadeiro sofrimento de que falou MARX? Que dor foi essa, tão sentida que esse homem acostumado a uma vida de provocações, lutas, isolamento e matéria pura, sentiu tanto? Que tamanha infelicidade atingiu a esse "rochedo", como o chamariam seus fanáticos seguidores, maior do que todas as outras "infelicidades" que já tivera, inclusive a perda anterior de dois outros filhos?

Os desígnios de DEUS são às vezes tão claros e parecem tão escondidos a alguns. MARX acusou tanto os homens — intelectuais e proletários — de despreparados para entender a "história" e, ele que se achava tão superior na arte de pensar, não podia ou não queria entender a mensagem que lhe foi transmitida — ainda que dolorosa — por ocasião da morte de seu filho.

Essa terrível dor que sentira, mais forte e duradoura do que a dor material, era a dor da alma que teimava em não admitir e que pensava haver deixado em TRIER, junto a uma mãe preocupada com os seus caminhos e a um pai temeroso por seu filho favorito.

Nunca foi, como nessas três linhas a ENGELS, tão ANTIMARX!